

COMUNICADO DA LISTA B - AO SERVIÇO DO POVO VENCEREMOS

O 2º caderno que saiu da Lista A não sequer abordou a necessidade de criarmos a nossa organização sindical nas escolas. Apenas fala da AAC e da formação de uma UNEP.

Será que não precisamos de nos organizar?; será que as razões que ainda há pouco tornavam este passo urgente foram radicalmente modificadas? o Programa da Lista A responde afirmativamente a estas perguntas? Mas será isto verdade?

Não, os nossos problemas não acabaram e só pela luta serão resolvidos. Antes do mais, o fascismo ainda não está totalmente destruído nas escolas, e é nosso dever destruí-lo até ao fim, o que só conseguiremos pela nossa força organizada. Não vamos acreditar em ilusões de que tudo se vai resolver pelas Comissões de Gestão. Que a prática nos sirva de mestre! Na nossa Universidade tem sido prática da gestão de algumas faculdades (exemplo do 1º e 2º anos de Direito e do 1º ano de Medicina) recusar-se a cumprir ou aceitar as decisões democráticas dos estudantes. Se não os tivermos organizados, se não elegermos ^{os nossos} representantes nos cursos, nas escolas, que sejam os fiéis porta-vozes das nossas decisões, seremos presas fáceis dos que pretendem travar os nossos justos anseios e da reacção fascista que espreita o contra-golpe.

Por outro lado, o princípio defendido na frase do Programa da Lista A: "até uma actividade centrada na contestação e reivindicativa no plano do ensino e no plano social que o actual momento basicamente voltado para a unidade e o empenhamento geral e caminho de objectivos comuns deixará de justificar", é falso. Todos nós não ignoramos, excepto se fecharmos de propósito os olhos à realidade, que a luta reivindicativa nas escolas persiste, persiste a recusa dos professores em atender às nossas instituições, persiste o conteúdo reaccionário das matérias, persiste a opressão dos métodos de selecção, e agora também os entraves de "gestões" que se arvoram em "senhores da faculdade".

Tudo isto nos demonstra que, para a resolução dos problemas do ensino, para termos vitórias no que queremos, é preciso lutar. É lutar organizados.

Mas se a Lista A nega a organização dos estudantes nas escolas é também porque defende que se está a caminhar na construção de um ensino que defende os interesses do povo. Isto é querer enganar os mais desprevenidos, querer ofuscar que o ensino continua a defender a exploração do homem pelo homem e que o nosso destino continua a ser o de futuros defensores das ideias de classe que nos impingem nesta Universidade. É querer dizer que a burguesia, os donos das fábricas, das terras, os que recebem os lucros das colónias, os que ontem mandaram em Portugal sob um regime fascista e hoje continuam a mandar neste sob um regime liberal, podem sobreviver abdicando das funções sociais que a Universidade tem e dela abdicam com resistência.

As experiências vividas após o 25 de Abril falam por si. Logo a seguir a esta data os estudantes iniciaram uma ampla campanha de discussão dos seus problemas no sentido de reconstituir o ensino opressivo vigente e sanar os resíduos fascistas das suas Universidades.

Conscientes da situação actual da sua função social e da necessidade de levarem até ao fim de forma consequente a luta contra o sistema fascista os estudantes chegaram a conclusões e tomaram decisões. Mas quando chegou o momento de as apresentar às autoridades competentes imediatamente a reacção governamental se fez sentir duma maneira bastante clara. São factos concretos desta situação a não homologação até ao momento da passagem administrativa às cadeiras que não interessam aos variados cursos, assim como a resistência que tem havido ao saneamento dos prof. ^{do} declaradamente fascistas.

Será que isto acontece por acaso? Não, a burguesia que ontem nos utilizava para a defesa dos seus interesses de classe persiste e como tal ela não pode abdicar de nós. Mas enquanto ontem os seus métodos eram intensamente repressivos e opressivos hoje tornam-se mais liberais, mais suaves, pois a luta do povo trabalhador e estudantes, obrigaram-na a mudar de faceta. É esta transformação superficial que o 25 de Abril trouxe ao campo do ensino.

As lutas ontem por nós travadas, pela satisfação das nossas reivindicações, continuam hoje, pois a essência do ensino, a sua função social, em nada se alteraram. Ontem como hoje necessitamos de estar fortemente unidos e organizados a fim de ousarmos lutar e chegarmos à vitória, embora actualmente já possamos discutir mais amplamente os nossos problemas.

E esta situação opressiva continuará sempre enquanto não houver uma transformação radical da sociedade, enquanto por uma pequena minoria exploradora que governa e aprofunda grandes lucros por-

que detêm os meios de produção, enquanto não for o povo trabalhador a dirigir todas as estruturas sociais colocando-as ao seu serviço. Por isso a luta estudantil não poderá acabar. Colocando-a ao serviço do povo trabalhador, ela desempenhará um papel importante na transformação da sociedade.

Nós lutamos por um ensino que sirva o povo, por um ensino em que cada vez mais a teoria se ligue à prática, em que cada um de nós possa contactar com a realidade social que nos cerca e possa pôr os nossos conhecimentos ao serviço da grande maioria da população portuguesa, no sentido de que aquilo que nos é ensinado na universidade concorra para o bem estar e desenvolvimento do povo trabalhador, para o seu progresso e não para encher os fundos bolsos da minoria capitalista. Nós lutamos, apresentando em cada luta particular a perspectiva da ideologia que defende os interesses do povo, para que consciente e correctamente possamos colocar as nossas lutas ao seu serviço.

Hoje, no sistema social em que vivemos as lutas podem e devem desenvolver-se neste sentido, mas a sua concretização efectiva, real, só será conseguida quando aquele for radicalmente transformado e essa tarefa não poderá ser cumprida por nós. No entanto, discussões travadas para a resolução de qualquer problema concreto analisadas e perspectivadas, segundo os interesses do POVO, contribuirão eficazmente para que cada um de nós tenha uma visão completa e real da situação que nos cerca e assim possamos lutar resolutamente ao lado do POVO TRABALHADOR, colocando as nossas lutas ao seu serviço.

Para que a AAC possa representar fielmente as posições assumidas pelos estudantes, através das discussões desenvolvidas para a resolução dos seus problemas concretos, tem de estar sob um eficaz controle destes. Até hoje, as direcções reformistas, que têm estado à frente das AAEE sempre foram estruturas desligadas das massas, cupulistas e, como tal, nunca cumpriram as decisões vindas da base, mas tentaram orientá-las segundo os seus pontos de vista. Afastados das realidades objectivas de cada ano, de cada curso e devido à inexistência de um efectivo controle dos estudantes, as direcções associativas não têm sido mais do que uma estrutura burocrática e cupulista.

No mesmo sentido, é proposta a criação da União Nacional dos Estudantes Portugueses (UNEP), organização ainda mais afastada do controle das massas estudantis. Ao contrário de incentivarem a organização dos estudantes nos seus locais de trabalho, de forma a que estes possam dar a justa resposta à opressão do ensino, promovem a formação dum organismo ainda mais cupulista, sendo manifesta a tendência do reformismo em tentar integrar os mais largos sectores estudantis em estruturas a nível nacional com o intuito de mais facilmente controlarem e atrasarem todas as lutas estudantis. E isto porque no momento actual, em que a grande massa de estudantes em todo o País se encontra ainda desorganizada é manobra manifestamente oportunista tentar integrá-la em estruturas burocráticas e de cupula com o intuito de se aproveitarem dessa falha de organização e assim facilmente porem a reboque de orientações reformistas toda essa larga massa de estudantes.

LISTA - B - "AO SERVIÇO DO POVO VENCEREMOS"